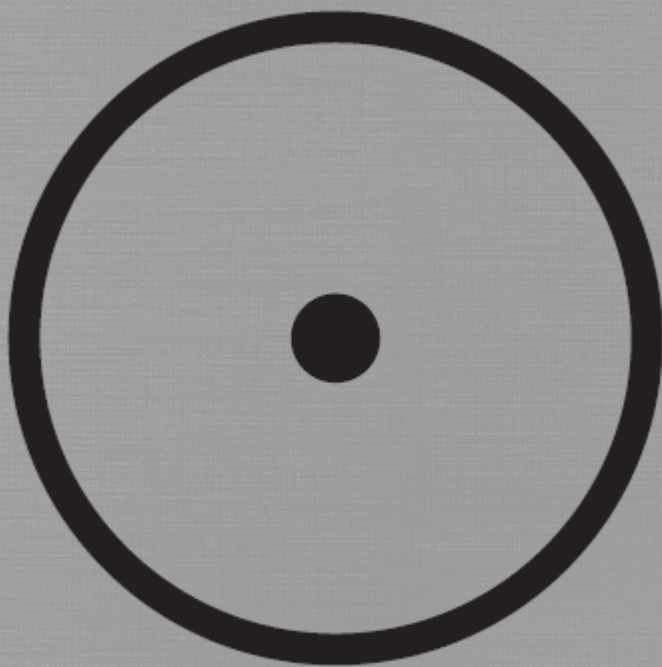


O ato
criativo:
uma
forma
de ser



Rick Rubin

O ato criativo

uma forma de ser



Rick Rubin

com Neil Strauss



SEXTANTE

O objetivo não é fazer arte,
é ficar naquele estado maravilhoso
que torna a arte inevitável.

Robert Henri

Nada neste livro
é sabidamente verdade.
É uma reflexão do que notei –
Não tanto fatos, mas pensamentos.

Algumas ideias reverberam,
outras não.
Algumas despertam um saber íntimo
que você esqueceu que tinha.
Use o que for útil.
Esqueça o resto.

Cada um desses momentos
é um convite para indagar mais,
olhar mais fundo,
afastar-se ou se aproximar.
Abrir possibilidades
para um novo modo de ser.

Todos são criadores



Quem não se dedica às artes tradicionais pode ter receio de se autodenominar *artista*. Pode considerar a criatividade algo extraordinário ou além de sua capacidade intelectual. Uma vocação daquelas poucas pessoas especiais que nascem com esse dom.

Felizmente, não é esse o caso.

A criatividade não é uma habilidade rara. Não é difícil acessá-la. A criatividade é um aspecto fundamental do ser humano. É um direito nosso de nascença. E é para todos nós.

A criatividade não está ligada exclusivamente à arte. Todos nós nos envolvemos nesse ato diariamente.

Criar é trazer à existência algo que antes não existia. Pode ser uma conversa, a solução de um problema, um bilhete para um amigo, a reorganização da mobília da sala, um novo caminho para casa a fim de evitar o engarrafamento.

O que você faz não precisa ser testemunhado, gravado, impres-

so, vendido ou emoldurado para ser uma obra de arte. Pelo correto estado de ser, já somos criadores de maneira mais profunda: criamos nossa experiência da realidade e concebemos o mundo que percebemos.

A todo momento estamos mergulhados num campo de matéria não diferenciada no qual nossos sentidos colhem informações. O Universo externo que interpretamos não existe como tal. Por meio de uma série de reações químicas e elétricas, geramos uma realidade interna. Criamos florestas e oceanos, calor e frio. Lemos palavras, ouvimos vozes e fazemos interpretações. Então, num instante, produzimos uma resposta. Tudo isso num mundo que nós mesmos criamos.

Não importa se estamos produzindo arte formal ou não; todos nós vivemos como artistas. Distinguimos, filtramos e coletamos dados, depois selecionamos uma experiência para nós e para os outros com base nesse conjunto de informações. Não importa que façamos isso de forma consciente ou inconsciente. Pelo mero fato de estarmos vivos já podemos nos considerar participantes ativos do processo contínuo de criação.

Viver como artista é um modo de estar no mundo. Um modo de interpretar. Uma prática de atenção. De refinar nossa sensibilidade às informações mais sutis. De observar o que nos atrai e o que nos afasta. De notar quais tons de sentimento surgem e para onde nos levam.

De uma escolha atenta a outra, a vida inteira é uma forma de autoexpressão. Você existe como ser criativo num universo criativo. Uma obra de arte singular.

Entrar em sintonia



Pense no Universo como um eterno desdobramento criativo.

As árvores florescem.

As células se reproduzem.

Os rios formam novos afluentes.

O mundo pulsa com a energia produtiva, e tudo o que existe neste planeta é movido por essa energia.

Toda manifestação desse desdobramento faz seu trabalho em nome do Universo, cada uma a seu modo, fiel ao seu impulso criativo.

Assim como as árvores dão flores e frutos, a humanidade cria obras de arte. A ponte Golden Gate, o *Álbum branco* dos Beatles, o quadro *Guernica*, a Basílica de Santa Sofia, a Grande Esfinge de Gizé, o ônibus espacial, a Autobahn, *Clair de lune*, o Coliseu, a chave Phillips, o iPad, o *cheesesteak* da Filadélfia.

Olhe em volta: há muitíssimas realizações notáveis para apreciar. Cada uma delas demonstra que a humanidade está sendo fiel a si

mesma, como o beija-flor é fiel a si mesmo quando constrói um ninho, o pessegueiro quando dá frutos e a nuvem quando produz chuva.

Cada ninho, cada pêssego, cada gota de chuva e cada grande obra são diferentes. Talvez pareça que algumas árvores dão frutos mais bonitos que outras, que alguns seres humanos compõem obras mais grandiosas que outros. O gosto e a beleza estão nos olhos de quem vê.

Como a nuvem sabe quando deve chover? Como a árvore sabe quando a primavera começa? Como o passarinho sabe quando está na hora de construir um novo ninho?

O Universo funciona como um relógio.

Para tudo...

Há uma estação

E uma hora para cada propósito sob o céu

Hora de nascer, hora de morrer

Hora de plantar, hora de colher

Hora de matar, hora de curar

Hora de rir, hora de chorar

Hora de construir, hora de demolir

Hora de dançar, hora de prantear

Hora de jogar pedras fora

Hora de juntar pedras.

Esse ritmo não é criado por nós. Todos participamos de um ato criativo maior que não conduzimos. Nós somos conduzidos. O artista está inscrito num cronograma cósmico, como toda a natureza.

Quando uma ideia o deixa empolgado, mas você não dá vazão a ela, não raro essa ideia encontra voz por meio de outro criador. Não porque o outro artista tenha roubado sua ideia, mas porque a hora da ideia chegou.

Nesse grande desdobramento, ideias e pensamentos, temas e canções e outras obras de arte existem no éter e amadurecem no tempo certo, prontos para encontrar expressão no mundo físico.

Como artistas, nosso papel é tirar proveito dessa informação, transmutá-la e compartilhá-la. Todos nós somos tradutores das mensagens que o Universo transmite. Os melhores artistas tendem a ser aqueles cujas antenas são mais sensíveis para atrair a energia que ressoa num momento específico. Muitos grandes artistas desenvolvem antenas sensíveis não para criar arte, mas para se proteger. Eles precisam se proteger porque, para eles, tudo dói mais. Eles sentem tudo mais profundamente.



É comum a arte chegar em movimentos: a Bauhaus, o expressionismo abstrato, a Nouvelle Vague no cinema, o punk rock, a poesia Beat, só para citar alguns exemplos da história recente. Esses movimentos surgem como ondas; alguns artistas conseguem ler a cultura e se posicionar de modo a surfá-las. Outros veem a onda e preferem nadar contra a corrente.

Todos somos antenas do pensamento criativo. Algumas transmissões chegam fortes, outras, mais fracas. Se a sua antena não estiver delicadamente sintonizada, é provável que você perca os dados em meio ao ruído. Principalmente porque os sinais que chegam são mais sutis que o conteúdo que recolhemos através da percepção sensorial. São mais energéticos que táteis, detectados de forma mais intuitiva que registrados de maneira consciente.

Na maior parte das vezes, coletamos dados do mundo pelos cinco sentidos. Com as informações transmitidas em frequência mais alta, canalizamos material energético que não pode ser captado de modo físico. Isso desafia a lógica, da mesma maneira que

um elétron pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Essa energia fugaz tem grande valor, embora pouquíssimas pessoas estejam abertas o bastante para agarrá-la.

Como captamos um sinal que não pode ser ouvido nem definido? A resposta é não procurar por ele. Também não devemos tentar prever ou analisar nosso caminho até ele. Em vez disso criamos um espaço para permitir que essa experiência aconteça. Um espaço tão livre da superlotação de nossa mente que funcione como um vácuo. Para atrair as ideias que o Universo está disponibilizando.

Conseguir essa liberdade não é tão difícil quanto se pensa. Todos nós começamos a vida com ela. Quando criança, experimentamos uma interferência muito menor entre receber ideias e internalizá-las. Aceitamos novas informações com prazer em vez de fazer comparações com o que já acreditamos; vivemos o momento presente em vez de nos preocupar com consequências futuras; somos mais espontâneos do que analíticos; somos curiosos, queremos saber mais, não nos sentimos exauridos com o volume de informações. Até as experiências mais comuns são recebidas com fascínio. Uma profunda tristeza e uma empolgação intensa podem vir uma após a outra. Não há fingimento nem apego a uma história.

Em geral, os artistas capazes de criar continuamente grandes obras conseguem conservar essas qualidades infantis. Praticar um jeito de ser que lhe permita ver o mundo com olhos inocentes e não corrompidos pode libertar você para agir de acordo com o cronograma do Universo.

Há uma hora para certas ideias chegarem,
e elas dão um jeito
de se expressar por meio de nós.

A fonte da criatividade



Começamos com tudo:

tudo visto,

tudo feito,

tudo pensado,

tudo sentido,

tudo imaginado,

tudo esquecido

e tudo o que fica sem ser falado nem pensado

dentro de nós.

Essa é nossa matéria-prima, e com ela construímos cada momento criativo.

Esse conteúdo não vem de dentro de nós. A Fonte está por aí. Uma sabedoria que nos cerca, uma oferta inexaurível que está sempre à nossa disposição.

Nós a sentimos, a recordamos ou entramos em sintonia com ela. E não somente por meio de nossas experiências, mas também através de sonhos, intuições, fragmentos subliminares e outras maneiras ainda desconhecidas pelas quais o lado de fora encontra o caminho para dentro.

Para a mente, esse material parece vir de dentro. Mas isso é uma ilusão. Há fragmentos minúsculos da vastidão da Fonte guardados dentro de nós. Esses fiapos preciosos vêm à tona do inconsciente como vapor e se condensam para formar um pensamento. Uma ideia.



Pode ser útil pensar na Fonte como uma nuvem.

As nuvens nunca desaparecem. Elas mudam de forma. Transformam-se em chuva e viram parte do oceano; depois evaporam e voltam a ser nuvens.

O mesmo acontece com a arte.

A arte é a circulação de ideias energéticas. O que faz com que pareçam novas é o fato de se combinarem de forma diferente a cada vez que voltam a aparecer. Não há duas nuvens iguais.

É por isso que quando nos impressionamos com uma nova obra de arte ela tem a capacidade de reverberar em um nível mais profundo. Talvez seja algo conhecido que retorna de forma desconhecida. Ou talvez seja *mesmo* algo desconhecido que não percebíamos que estávamos procurando. A peça que faltava num quebra-cabeça que não tem fim.

Transformar algo da ideia
em realidade
pode fazê-la parecer menor.
Ela passa de celestial a terrena.

A imaginação não tem limites.
O mundo físico tem.
A obra existe em ambos.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

